

## Entrevista: Marcelo Yuka

## “O tempo está a meu favor”

Seis tiros não foram suficientes para tirar a esperança de Marcelo Yuka. Em 9 de novembro do ano passado, o baterista do grupo Rappa saiu de sua casa, no Rio de Janeiro, para assistir a um show do cantor Max de Castro. No caminho, viu-se envolvido em uma tentativa de assalto e acabou sendo baleado. Uma das balas atingiu a 12ª vértebra de sua coluna cervical e ficou alojada a cinco milímetros da medula espinhal. Yuka nunca mais andou.

Vivendo o que chama de “fase reclusa”, o músico concordou em falar com exclusividade a Zero Hora para contar um de seus novos projetos: a composição da trilha sonora para A História de Dé, filme do diretor Breno Silveira, que deve demorar dois anos para chegar às telas. Receoso de início, Yuka fala aos poucos sobre sua recuperação. Amparado em uma força de vontade impressionante, não consegue esconder sua esperança de um dia voltar a caminhar.

Às vésperas do lançamento de um novo CD – duplo e ao vivo – do Rappa (que deve sair ainda em julho), o músico conta também os motivos da escolha de Porto Alegre para a gravação do álbum, em julho do ano passado. Yuka critica a situação social no país e mostra que seu discurso permanece coerente, mesmo depois de ter sido diretamente atingido pela violência que tanto condena em suas letras.

CARLOS CORRÊA

**Zero Hora – Por que a decisão do Rappa de lançar agora um álbum duplo e ao vivo? Ele já tem nome definido?**

**Marcelo Yuka –** Ainda não. Acho que se falar sobre o disco novo do Rappa, ninguém vai me matar. É melhor esperar a oportunidade certa.

**ZH – Era um projeto antigo?**

**Yuka –** Na realidade, pensamos em fazer um disco de sobras de estúdio. Estávamos revisitando o trabalho e tinha muita coisa interessante ainda não lançada. Mas aí vimos essa gravação e ficamos pasmos com a qualidade, a energia. Então resolvemos lançá-lo.

**ZH – As gravações para o álbum foram feitas em Porto Alegre. Por que a escolha da cidade?**

**Yuka –** O palco do Opinião é pequeno, deixa a gente mais junto. Gostamos mais assim, intimista. E o público de Porto Alegre é muito bom para gravar esse tipo de coisa. Ajuda pra caramba. Com certeza, se não fosse Porto Alegre, só poderia ser o Rio de Janeiro, tamanha a afinidade.

**ZH – Você vai participar do trabalho de divulgação do novo álbum?**

**Yuka –** Não é a minha vontade. Eu devo fazer algumas coisas no início. A não ser que tenha alguém que se sinta realmente à vontade com a minha participação.

**ZH – No início deste ano, você subiu ao palco em um dos shows da banda. Qual foi a sensação de estar de volta?**

**Yuka –** É impressionante. Acho que o acaso de estar falando as coisas que falava, e aconte-



O CD duplo e ao vivo do Rappa, gravado no ano passado no bar Opinião, em Porto Alegre, deverá ser lançado ainda no mês de julho

cer justo comigo o que já narrava, criei uma fidelidade do público com a minha postura. Isso me emociona, porque é uma coisa de ética.

**ZH – Como está a sua rotina?**

**Yuka –** Eu ainda estou me estruturando para fazer a trilha do filme. Estou fazendo um estúdio em casa, que basicamente vai ser para o filme. E também tem a fisioterapia.

**ZH – Quanto tempo você se dedica à fisioterapia?**

**Yuka –** O dia todo. À noite, eu vou para o estúdio.

**ZH – Você ficou apenas alguns dias no Hospital Sara Kubitschek, em Brasília. Por que preferiu voltar para o Rio de Janeiro?**

**Yuka –** Cara, o Hospital Sara Kubitschek é excelente, mas não para alguém que tem chance ainda. Eu tenho chance. Não vou para lá aprender a andar de cadeira de rodas. Preciso de um tratamento que confie em mim. Hoje tenho uma equipe que acredita no meu restabelecimento. Tem muita coisa me animando em termos de tratamento.

**ZH – Que tipo de avaliação você pode fazer do seu quadro clínico?**

**Yuka –** A minha paralisia era na altura do peito e já desceu para a altura da cintura. Meu braço esquerdo era quase inútil, e hoje só não tenho o movimento de levantar a mão. Já estou num estágio que, de acordo com o que me foi dito em Brasília, seria impossível. Isso me anima. Você tem um trabalho bem feito, com gente que confia.

**ZH – Você contou em entrevistas que al-**

**gumas pessoas chegaram a dizer que você nunca mais andaria. Isso serviu como um estímulo para dar uma resposta a quem não acreditava na sua recuperação?**

**Yuka –** Pois é. Só a evolução que estou tendo até aqui já era dita como impossível, como o movimento que estou tendo no braço. Eu sentia muita dor e hoje não sinto mais. E isso tudo foi me dito como perpétuo em Brasília.

**ZH – O que, naquele momento, o fez acreditar mais na sua opinião do que na dos médicos?**

**Yuka –** Duas coisas. A primeira é a minha médica, a dra. Ana Beatriz, que é quem dirige minha vida nesse sentido. E outra foi... (pausa). Eu tenho outras coisas para fazer. O meu tempo não encerrou ainda. Estou em uma fase reclusa. Mas acho que estou também continuando a ser quem eu era. Eu sigo nos meus projetos sociais.

**ZH – Você faz algum tipo de previsão de quando deve voltar a andar?**

**Yuka –** Eu tenho um trato com o (fisioterapeuta) Filé que o trabalho ali é o trabalho ali. Não falo sobre o trabalho fisioterápico. Já falei demais até, falei sobre os meus êxitos. Acho que não devo falar ainda sobre a minha história do dia-a-dia, porque não crio expectativas. Agora, uma coisa é verdade: o tempo está a meu favor.

**ZH – A manutenção do seu discurso, mesmo depois de você ter sido vítima da violência, surpreendeu algumas pessoas?**

**Yuka –** Meu ponto de vista nas questões sociais não mudou nem um pouco depois do que aconteceu. Pelo contrário, foi ampliado. Agora, evitei muito ser o estereótipo de uma

nova luta. Falar sobre violência hoje é muito complexo. Não é uma simples manifestação ou uma pessoa que vai resolver. O que deve ser feito são medidas jurídicas, principalmente a proibição da venda de armas. Pior ainda, está sendo difundida pelos órgãos oficiais uma idéia errônea de que violência se combate com violência. As polícias do Rio e de São Paulo, por exemplo, estão cada vez se armando mais. E nessa corrida armamentista quem fica no meio é o povo. Então, vão ter mais vítimas como eu. Temos que tomar uma atitude mais séria e menos hipócrita em relação a isso. Enquanto tiver manifestações “ah, sou pela paz”, destruição de armas velhas, estou fora. Eu quero coisas mais práticas, fortes e reais. A opinião pública precisa entender que isso é emergência. Por muito menos, várias cidades do mundo decretam estado de sítio.

**ZH – Você acha que as capitais do Brasil já vivem em estado de sítio?**

**Yuka –** Já se vive uma guerra civil há muito tempo. É porque antigamente só atingia povo preto, feio e pobre. Essa era a concepção deles, preconceituosa. Quando a violência desce do morro para a pista, aí aparece nos jornais.

**ZH – Você acha que se o que aconteceu com você tivesse acontecido com um morador da favela, isso seria notícia?**

**Yuka –** Claro que não. É por isso que eu evitei dar entrevista sobre o meu caso, abafei. Você não pode ser maior do que realmente é. Se as pessoas entenderem a emergência da situação, vão ver que o monstro está entrando na casa delas. Enquanto não se notar isso, eu não posso ser uma vítima especial.



Yuka faz fisioterapia de dia e passa a noite no estúdio compondo

## Músico trabalha em uma trilha sonora

**ZH – É a primeira vez que você trabalha com trilha sonora para um filme. Como está sendo a experiência?**

**Yuka –** Bem legal. Agora, com o roteiro pronto, vou poder pegar os personagens e me basear para criar trilhas originais. Além disso, as cenas têm o trabalho da música incidental, as trilhas para as cenas, para os personagens. É um trabalho bem amplo, e minha maior vontade é que isso seja coerente. Um disco que seja ao mesmo tempo a trilha sonora de um filme e que possa ser ouvido em casa. Tem mais, a temática do filme parece com aquela que eu venho defendendo.

**ZH – O filme aborda uma série de questões sociais. Foi isso que inicialmente o atraiu para o projeto?**

**Yuka –** O (roteirista) Paulo Lins é muito meu amigo, ele que me fez o convite. O Breno (Silveira, diretor) eu já conhecia de ter trabalhado antes. Calhou tudo certinho. Agora, logicamente que eles estão filmando uma coisa que eu já estou escrevendo, cantando há um tempo. Então isso vai se diversificando. O tema é o mesmo, mas as linguagens são diferentes.

**ZH – Musicalmente, está sendo uma experiência mais fácil, difícil ou apenas diferente?**

**Yuka –** Acho que é mais difícil. Criar um determinado clima para uma cena ou um personagem é uma coisa mais restrita do que fazer uma música simplesmente. Você precisa estar mais concentrado.

**ZH – Será um trabalho apenas instrumental ou com letras?**

**Yuka –** Quero fazer com letras. Inclusive eu já estou pensando em chamar algumas pessoas para interpretar as canções.

**ZH – Já tem em mente quem seria?**

**Yuka –** (Risos) Ah, isso eu não posso revelar. Mas vão ser coisas inusitadas, com certeza.

**ZH – Existe alguma previsão para o encerramento desse trabalho?**

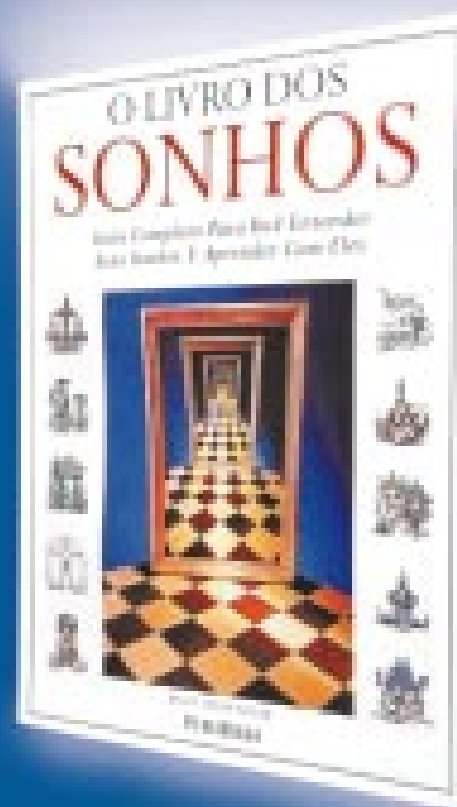
**Yuka –** Acho que é o ano que vem. Eles devem começar a filmar só no ano que vem. Algumas cenas têm que ser feitas primeiro para depois fazer a música. Eu vou antecipando aqui de acordo com os personagens, o roteiro, mas o grande lance é que terão algumas músicas que eu vou fazer depois.

**ZH – Esse trabalho tende a ter uma sonoridade parecida com a do Rappa?**

**Yuka –** O que me influencia mesmo são algumas coisas que foram feitas durante os anos 70. Como as trilhas sonoras de filmes como *Asfalto ao Trem Pagador*, o próprio *Lúcio Flávio – Passageiro da Agonia*, a primeira versão de *Orfeu*. Essas coisas que remetiam bem ao Brasil. Vou tentar usar bastante ritmos nacionais e climatizar com o que puder. Mas acho que isso tudo focando uma postura mais atual. Com certeza, vou trabalhar também com alguns beats eletrônicos. Estou bem ansioso para fazer esse trabalho.

**ZH – Você planejava escrever o roteiro de um filme junto com a diretora Kátia Lund. Como está o andamento desse projeto?**

**Yuka –** Há pouco tempo, a gente ainda estava conversando sobre essa história. Mas, neste momento, a Kátia está filmando o *Cidade de Deus*, então está meio sem tempo. Os meus parceiros nesse projeto são a Kátia e o Paulo Lins, e os dois estão presos com a produção de seus longas. Além disso, eu também estava terminando o disco e estava bem atarefado com isso.



Se essa noite você sonhar com o número 22,90, já sabe o que significa.

São 208 páginas que revelam tudo sobre o curioso mundo dos sonhos. O que são, como funcionam e, principalmente, como interpretá-los. Imperdível.

Só pra você | ASSINANTE ZH | 0800 0513323  
www.zhassinaturas.com.br

Ligue ou acesse pelo site e autorize a compra até 20/07. A entrega será feita entre 07 e 17/08.

Apenas  
R\$ 22,90